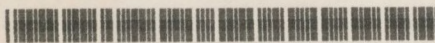


Recordando o famoso episódio da Revolução de 1842 (Venda Grande)



WIEDEMANN, Luiz Felipe Silva. Recordando o famoso episódio da Revolução de 1842 (Venda Grande). Diário do Povo, Campinas, 24 ago. 1958.

Por certo, não há de ser muitos os campineiros que conhecem o episódio histórico do chamado "Combate da Venda Grande", que se travou em nossa cidade durante a Revolução de 1842, cujos primeiros sintomas estavam nos colúmbios na chácara do pe. Feijó, e mais tarde, na aclamação ostensiva do Coronel Rafael Tobias de Aguiar, em Sorocaba.

Esse combate teve lugar no dia 7 de junho de 1842, quando Caxias destacou uma coluna de 200 homens para marcharem em direção a Campinas sob o comando do Tenente-Coronel José Vicente de Amorim Bezerra, veterano das Campanhas da Bahia e Maranhão e bacharel pela Universidade de Paris... (sic!) Em nossa cidade, os revoltosos estavam homiziados no Engenho da Lagoa, onde existia um grande armazém, designado com o nome de Venda Grande. Ali os proscritos da causa de Rafael Tobias foram apanhados de surpresa num combate, do qual resultaram 17 mortos e 18 feridos. A pobre presa de guerra, vestida humilde dos rebeldes e enfiadas escopetas recolhidas pelas "periquitos" de Caxias foi, a seguir, arrematada em leilão público.

Hoje em dia, fora o pequeno registro que a História guardou desse episódio, houve um grupo de verdadeiros amigos de Campinas, que liderados pelo Tenente-Coronel Luiz Felipe da Silva Wiedemann, resolveu preservar do marco o local histórico do combate, assinalando-o com expressivo marco e uma moqueta, que cerca

Chapadão, foi alertado pelo Sr. Celso Maria de Mello Pupo, que o local procurado seria na Fazenda de Santa Genebra, onde ele pretendia ir com um amigo conhecedor do assunto.

Ao mesmo tempo, consolidava-se, em meu pensamento, o desejo de aproveitar a data de 25 de agosto, dia do soldado, comemorativo a Caxias, para também homenagear os que tombaram em Venda Grande.

Sucederam-se dias de chuva e, na impossibilidade de contar com as informações do Sr. Celso Pupo resolvei, juntamente, com o então renente Villas Boas, do 5.º Grupo, deslocar-me para Santa Genebra, a 4 de agosto de 1956. Chegando à referida Fazenda, fomos otimamente recebidos pelo filho do administrador, Sr. Ari di Salvo, que se praticou a nos levar ao local, onde deveria ter existido um marco.

Quando chegámos no ponto que ele conhecia, foram-nos mostrados os barroteiros que demonstravam a existência de uma casa, já próxima à estrada dos Amarais e junto da lagoa. O Sr. Ari nos contou que, como estudante em Campinas, foi atraído pelo assunto histórico da Venda Grande e, por seu pai, Sr. Alberto di Salvo, soubera dos resquícios existentes e, ainda mais, que antigos descendentes de escravos confirmaram o local.

Ouvindo o meiro que habita nas proximidades do lugar assinalado, este nos informou que "os restos do marco de madeira" ali deixados em 1942, após cem anos do combate travado, haviam sido

Notamos, logo após a inauguração do Marco da Venda Grande de que havia necessidade de manter, viaturas e pessoal para as obras. Como elementos executores do trabalho, contamos com o auxílio inestimável do 1.º Sargento Roberto da Silveira Hallais e soldados Pedro Ferreira Neto, Florentino dos Santos, Waldemar Verdu Carinoto, José da Silva, Lupércio de Moura, Claudio For-

Planejamos, então, murar o contorno da antiga Venda Grande e, após, fechá-lo, conservando uma porteira para o acesso



O Tenente-Coronel Luiz Felipe Silva Wiedemann quando falava ao nosso redator José Roberto do Amaral Lapa

tuato Claudino e José de Lima, que fizeram parte do contingente incorporado no ano passado, em 1957, no 5.º G. Can 90 AAé.

Julgamos pois, ter feito o possível para mantermos a recordação histórica do Combate da Venda Grande, acontecimento que tão estreitamente liga Campinas a História do Brasil, atra-

ves da figura imorredoura do Duque de Caxias, cujo marco homenageia todos os que tomaram parte no combate, sem partidatismo político.

UMA SUGESTÃO AOS PODERES COMPETENTES

Pensamos ainda, que o atual monumento não deverá desaparecer, antes, deverá ser mantido para a posteridade. Desta maneira haverá necessidade de ser fiscalizado e conservado, apesar da distância em que se acha da cidade, na Fazenda de Santa Genebra.

Parece-nos que uma das soluções cabíveis, seria a sua incorporação, inclusive o terreno em que está localizado, ao patrimônio histórico de Campinas e, mediante dispositivos legais, pertencer à Secretaria de Educação Municipal, tão bem entregue, no presente momento ao Professor Mario Giannini e na qual existe um Departamento Cultural, chefiado por este dinâmico e entusiasta campineiro que é Braulio Mendes Nogueira, a quem já tanto deve o Museu do Bosque.

Notando-se quanto de interesse existe nesta Princesa D'Oeste pelos problemas de ensino, história e de turismo, a Venda Grande poderá se tornar um lugar perfeitamente procurado por estes três aspectos, haja vista que, da última Convenção de Turismo realizada nesta cidade foi colhida, por lembrança do Sr. Alair Malta Guimarães, terra desse local histórico para representar o solo de Campinas, na Casa de S. Paulo, no Rio de Janeiro.

Aproveitamos a oportunidade para solicitarmos a colaboração de todos os ilustres e patrióticos membros da nossa comunidade campineira, para se interessarem por uma solução do assunto em

o local regado pelo sangue da Coluna Libertadora arquitetada pelo Padre de Ferro.

Visitamos, ainda há pouco, o local da Venda Grande e podemos assim avaliar de perto, o que representa atualmente para Campinas o trabalho que ali foi realizado. Mas, ninguém melhor para falar dele do que o ilustre militar e historiador, que é o Tenente-Coronel Luiz Felipe da Silva Wiedemann, sub-comandante do 5.º Grupo de Canhões Anti-Aéreos, de nossa cidade, e que passa a seguir a narrar aos nossos leitores os trabalhos que desenvolveram em favor da preservação do histórico local.

A PARTICIPAÇÃO DO EXERCÍTO E DO CENTRO DE CIÊNCIAS

Havíamos chegado à Campinas há precisamente sete meses, sabendo da existência do Combate da Venda Grande desejava conhecer o lugar em que o mesmo se travara. Mas o acúmulo de serviço na Unidade que eu viera para comandar, e que se achava em fase de organização, o 5.º Grupo de Canhões 90 Anti Aéreos, não me possibilitava o tempo necessário.

Conversando, no entanto, com o meu particular amigo, dedicado administrador da fazenda do Chapadão, Tenente Coronel Mário Solon Ribeiro, este disse-me da existência, na referida Fazenda, de escavações semelhantes a trincheiras.

Mais tarde, ingressando no Departamento de História do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, tive a oportunidade de trocar ideias com o conjunto de escol que compunha o Departamento, de que faziam parte Celso Maria de Melo Pupo, Joluzina Brito, José de Castro Mendes, Theodoro de Souza Campos, José Roberto do Amaral Lapa, e por estes tomei-me mais conhecedor do assunto e, daí, pensamos em procurarmos os vestígios da Venda Grande.

No dia 29 de julho, iniciamos a pesquisa, em companhia de alguns membros do Departamento de História e mais a do Vereador e Jornalista João Lana-ro, na Fazenda do Chapadão e, juntamente, com o Coronel Solon, fomos ao local indicado por este último.

De fato, no terreno parece terem existido trincheiras próximas à estrada dos Amarais. Mas, nada obtivemos de positivo.

NA FAZENDA SANTA GENEBRA

Apos dois dias de nossa ida ao

etrinçados, talvez para serem utilizados em fogueira.

Retornando e conversando com D. Jandira Pamplona de Oliveira, esta ilustre e patriota senhora, confirmava-nos todas as asserções acima.

Pouco depois, a 6 do mesmo mês, o então Tenente Villas Bôas foi à Fazenda de Santa Genebra e, de lá, trouxe a planta do local que foi entregue, para ser copiada, ao Sr. Alôor Malta Guimarães.

Ao confrontarmos, com o Sr. Alôor, funcionário da D. O. V., a planta e a fotografia aerea da zona em estudo, encontramos "assinalados os contornos da Venda Grande".

Terminou, assim, nossa pesquisa, com inteiro sucesso.

A CONSTRUÇÃO DO MARCO E DA MURTEIA

Fazendo sabedor o Dr. Herculanô de Gouveia Neto, dedicado e entusiasta presidente do Centro de Ciências, Letras e Artes, que amejávamos erguer um marco em Venda Grande, este logo aceitou e declarou que o mesmo seria adquirido pelo Centro de Ciências, Letras e Artes. Foi dada a encomenda aos irmãos Colucci que executaram a obra.

Posteriormente entendimentos, com o Coronel Seraphim Miguéis, comandante da Guarnição de Campinas, asseguraram-nos de sua colaboração, doando a base de concreto onde ficou assentado o marco.

Com o Coronel Irane Faes Brazili, comandante do 5.º Grupo de Canhões 90 Anti-Aéreos, regularizamos as questões de transporte, para material necessário.

Não podendo citar todos aqueles que contribuíram para a concretização de uma ideia, desejo ressaltar o nome do Sr. Edvigênio Hermínio Costa, então mestre de obras dos quartéis da guarnição, que firmou o marco na base, em Venda Grande, e que resumiu em seus atos e palavras, tudo o que pode dizer um coração patriota.

O marco de granito da Venda Grande tem de altura 1,20 m. e sua base de concreto, 40 centímetros, composta de 2 degraus, perfazendo um total de 1,60 m. Foram gravados na própria pedra, os seguintes dizeres, assim dispostos:

1944

Combate da

Venda Grande

O Dep. de História

C. C. L. A. 25-8-1956

gua de que é dotada, permitiu a construção da obra, que hoje se acha realizada.

Assim, o marco da Venda Grande ficará mais resguardado dos estragos causados pelo gado existente nas redondezas do monumento.

OS AMIGOS DE CAMPINAS QUE NOS AJUDARAM

Conseguimos concluir a obra graças à cooperação e boa vontade do Coronel Seraphim Miguéis, Comandante da Guarnição Militar de Campinas e do 1.º B. C. C. L. Coronel Iraze Faes Brasil, Comandante do 5.º G. Can 90 AAE. Coronel Maximino de Andrade Neto, Sr. Jorge Ferreira Camargo, Dr. Nelson Noronha Gustavo Filho, Sr. Mario Siqueira Santos, Sr. Antonio Mingone e Companhia Imobiliária Campineira.

